

O RISO E AS JAQUETAS SALVA-VIDAS

N. C. Hass

Quem é este aqui? – perguntou minha amiga, apontando para a foto, presa na porta de minha geladeira, de um garotinho que olhava para trás.

– Ele é urna criança que conhecemos – respondi rindo.

Quando ela foi embora, olhei a foto novamente e sorri. Esse era um garoto cativante, cujo olhar, perspicaz e impaciente, parecia ordenar: Vamos, ande depressa com essa foto, tenho de viver aventuras, descobrir tesouros, capturar gigantes e piratas! Quem poderia imaginar que grande plano heroico sua imaginação tramava no dia em que a foto foi tirada? Qualquer que tenha sido esse plano heroico, ele estava completamente preparado para realiza-lo naquela indumentária escandalosa: boné de beisebol, óculos escuros enormes para seu rosto, chinelos e – por último, mas não menos chocante – uma jaqueta salva-vidas! Impossível não sorrir.

A energia dele emanava da foto, como se fosse pular da geladeira para minha cozinha.

Mal podia acreditar que ele já estava com três anos, embora lembrasse de seus primeiros dias como se fosse ontem. Os pais dele, Scott e Lisa: eram jovens, ainda solteiros, quando ele foi concebido. Lisa ainda estava escolhendo o que estudaria na universidade, e Scott, já no segundo ano, concentrava suas energias no futuro: terminar a universidade. Ficaram tão apavorados, que nem cogitaram compartilhar o "segredo" deles e o guardaram o máximo que puderam, buscando sozinhos uma solução, uma saída qualquer, para essa situação dolorosa.

Sabiam que, assim que revelassem o segredo deles, teriam de enfrentar a avassaladora realidade de sonhos desfeitos e decisões dolorosas. Eles queriam constituir família, mas não dessa forma. Acreditavam que as crianças necessitavam do alicerce sólido de um casamento robusto, mas não tinham certeza se podiam construir um relacionamento desse tipo.

Eles poderiam ter interrompido a gravidez. Outros teriam feito isso, e ninguém saberia de nada. Seria muito simples recomeçar de novo, como se nada tivesse acontecido. No entanto, por mais simples e segura que essa solução parecesse, Deus saberia de tudo. Resolveram deixar a criança nascer e enfrentar todas e quaisquer consequências.

Por fim, eles se apoiaram mutuamente para se prepararem a respeito de tudo que essa notícia poderia acarretar. Desapontamento e mágoas dos pais, choque e sussurros dos amigos da igreja, além de questões ainda mais estarrecedoras. Como pagariam pelo tratamento médico, uma vez que Lisa não tinha seguro-saúde? Como ela poderia educar uma criança e voltar para a escola se não se casassem? Como Scott assumiria as responsabilidades financeiras da gravidez e da educação dessa criança?

Nas semanas seguintes, agiam de forma maquinal, como autômatos. Scott abandonou a universidade, sem saber se algum dia voltaria a estudar. Começou a trabalhar como garçom, enquanto Lisa batia de porta em porta

à procura de alguém que empregasse uma jovem grávida com pouca experiência e sem diploma.

A lista de opções ficava cada vez mais complicada. Será que os pais deles deveriam criar a criança? Será que deveriam considerar a possibilidade de entregar a criança para adoção? Nenhuma dessas soluções parecia ideal. Enquanto isso, eles continuaram passando por momentos agriados dessa gravidez inesperada. A ultrassonografia revelou o sexo do bebê, um menino, as batidas do coração e os primeiros movimentos.

No entanto, à medida que Lisa ficava cada vez maior, os prazos os pressionavam cada vez mais, urgentes e implacáveis. Confusos com as decisões que apenas eles poderiam tomar, começaram a procurar os arquivos dos possíveis casais que poderiam adotar a criança, para examinar a quem poderiam confiar o filho deles. Como fazer uma escolha desse tipo?

Os pais deles também tiveram de enfrentar batalhas, rindo bravamente diante de fotos dos netos de outras pessoas e sufocando as lágrimas no chá de bebê. De início, preocuparam-se porque Scott e Lisa não se casariam e, depois, porque se casariam. Inseguros quanto à maneira de agir, já que eram os pais, fechavam o cerco, mas, a seguir, abriam mão e deixavam as coisas seguir seu rumo. Questionavam-se quanto à conduta que tiveram como pais desses jovens: será que falharam? Pediam a Deus que estivesse sempre presente com Seu amor e que fosse feita a vontade Dele.

Por fim, em uma manhã luminosa de verão, o belo filho de Scott e Lisa foi colocado nos braços deles. Agarrados ao calor agradável do bebê, eles foram mais uma vez dilacerados pela dor. No entanto, não tinham tempo a perder. Precisavam tomar uma decisão. Os dias seguintes foram os mais dolorosos de todos. Enquanto os pais desses jovens pediam a Deus que fizesse Sua vontade perfeita, Scott e Lisa, aos prantos, enfrentavam as lutas.

Então, após determinar bravamente o que seria melhor para o filho, eles o vestiram e o levaram a uma pequena igreja para oferecê-lo ao Senhor, para depois ir até a agência onde o entregariam ao casal que escolheram para cuidar dele.

O conflito terrível entre deixar partir e segurar os deixava em frangalhos. Enfrentaram momentos de profundo pesar e momentos de conjecturas sem fim.

O tempo os colocou em marcha, e retomaram a rotina de cura da vida. Tudo o que restou foi um capítulo de lembranças, e um armário cheio de orações em curso. Ocasionalmente, a agência enviava umia roto ou uma carta dando notícias do filho para Scott e Lisa.

Eles me deram essa foto, uma cópia, que agora estava em minha geladeira e me fazia sorrir toda vez que olhava para ela. A foto era muito pequena para conter esse pacote de energia divertido, de apenas três anos, que explodia com tanta emoção e alvoroço. Parecia que ele, realmente, pularia dali para alegrar minha manhã, informando-me a respeito de suas aventuras e me desafiando a acompanhá-lo.

É verdade, ria sempre que via o rosto entusiasmado. Aí começava a conversar com ele:

Como gostaria se você realmente pulasse dessa foto para minha vida! Eu o pegaria em meus braços e rodopiaria com você, voltas e mais voltas —

com jaquetas salva-vidas, boné de beisebol, óculos escuros e tudo! Iríamos rodar e rir juntos – dos gigantes que conquistou e dos piratas que capturou. Rodaríamos e rodaríamos e riríamos de novo – das lembranças esmaecidas da dor que o gerou e das maravilhas do mundo que estão diante de você. Choraríamos de tanto rir na celebração rouca de sua vida.

E, quando já estivessemos tontos de tanto rodar, eu o colocaria no chão, ajoelharia na sua frente e contaria algo para você:

Agora, você ainda não consegue perceber, mas Deus colocou planos maiores em seu coração e promessas mais incríveis em sua alma do que você jamais poderia imaginar. A sua vida é Dele, e sua maior aventura será descobri-lo e segui-lo para saber quais são os planos e propósitos que Ele tem reservado para você.

Prometo-lhe que esses são planos arrebatadores, cheios de esperanças e propósitos maravilhosos. Vá e capture-os. Vá e viva-os. Ah? E não esqueça de levar sua jaqueta salva-vidas – Nathaniel, meu primeiro neto'.

Os nomes foram alterados.

O quanto você pode caminhar na vida dependerá de sua delicadeza com as crianças, compaixão com os velhos, solidariedade com os batalhadores, tolerância com os fracos e fortes –
pois um dia você já terá sido todo,' estes.

GEORGE WASHINGTON CARVER